IGOR DOLÚTSKI

SOB O PRISMA DA RÚSSIA

II Guerra

Essa guerra vive em mim. Estilhaços deixaram-na entalada no corpo de meu pai. Ela está não apenas nas condecorações e medalhas dele. Junto com elas, houve as três *pokhorônki* (assim se chamavam as notificações oficiais sobre a morte de militares, enviadas às suas famílias) recebidas pela minha avó, que o davam como morto. Algures, em uma vala comum, jaz meu avô, morto em 1943, no famoso Arco de Kursk. Essa é a minha Guerra e a minha Vitória. Em 1945, nós vencemos. Mas nós "quem",, e que guerra vencemos?

QUEM E EM QUE GUERRA VENCEU?

Em 1994, a Rússia não foi convidada para os festejos da comemoração do desembarque dos aliados na Normandia. Pelo visto, no Ocidente, acham que não têm razão por que convidar-nos para o SEU festejo, já que o Exército Soviético não libertou a França. O Ocidente comemora o seu Dia da Vitória em 8 de maio e não tem pressa em chegar ao nosso, celebrado em 9 de maio. W. Churchill foi quem primeiro falou em "dois grandes impérios totalitários,

ÍGOR IVANOVITCH DOLÚTSKI é historiador, formado pela Faculdade de História da Universidade Lomonóssov de Moscou. É professor de História e autor do livro *História Nacional do Século XX*, para o curso secundário. É também membro da Academia de Ciências Pedagógicas de Moscou.

ACIMA, AS BÁRBARAS PRIVAÇÕES DOS SOVIÉTICOS DIANTE DA INVASÃO NAZISTA

inimigos um do outro, que desconhecem elementos moderadores de natureza moral" (1). Por isso, de acordo com o Ocidente, que lutou sozinho contra o totalitarismo alemão nos anos 1939-41, e contra o Japão nos anos 1941-45, deve-se falar de uma vitória da democracia ocidental. Mas, nesse esquema, não cabe a URSS, embora ela também como que haja enfrentado os mesmos inimigos nos anos 1941-45 e os haja vencido.

Por outro lado, ainda desde os tempos de I.V. Stálin, na historiografia russa (soviética), consolidou-se a seguinte tese: a URSS arcou com todo o peso da guerra contra a Alemanha e deu a contribuição decisiva para a derrota do fascismo na Europa e do militarismo na Ásia. Realmente, não foi a URSS que lutou sozinha contra toda a coligação fascista no continente europeu de junho de 1941 a junho de 1943? Será que cinco sextos da Wermacht não pereceram na Rússia, a guerra contra a qual Hitler considerava a principal? Quer dizer, não foram as democracias ocidentais, mas o socialismo, que "quebrou o espinhaço da besta fascista" e libertou quase toda a Europa da praga de uniforme de cor castanha.

A pergunta, porém, não possui uma resposta do tipo "ou-ou". Tudo é muito mais complicado. De 1939 a 1941, a URSS não apenas esteve perto de uma aliança com a coligação fascista, como também dividiu a Europa com ela, havendo chegado à beira de uma grande guerra contra a Inglaterra e a França. As idéias que se tinham sobre a guerra tornaram-se ainda mais embrulhadas no início dos anos 90, quando, na Rússia, foram publicados documentos sobre a preparação, na primavera de 1941, de um ataque da URSS à Alemanha nazista. Isso confirmaria, então, a tese da propaganda hitleriana sobre as intenções hostis de Stálin, as quais somente uma invasão preventiva da Rússia poderia impedir de serem levadas a cabo.

Há um fundo de verdade nesses raciocínios. Em 1939, a URSS e a Alemanha realmente dividiram a Europa em zonas de influência. Em 1940, Stálin por pouco não entrou em um pacto anti-Komintern, ao lado da Alemanha, da Itália e do Japão. A partir da metade de maio de 1941, Stálin e o Estado-Maior do Exército Vermelho efetivamente começaram preparativos para um ataque à Alemanha. Mas, creio, o erro de Stálin, em 1939, foi o último de uma série de erros e traições, cometidos por políticos do Velho e do Novo Mundo nos anos 30. E não é porque Stálin teve "apenas" um erro que ele é o "nosso filho da puta". Como se sabe, alguém só pode trair os seus amigos. Por volta de 1939, para Stálin, não havia "amigos" na Europa, exceto os comunistas, a quem ele, a propósito, traiu. A Inglaterra e a França, por sua vez, cometeram traições de 1935 a 1938. Basta lembrar Munique e a solidão da Polônia, abandonada pelo Ocidente à ferocidade dos inimigos, apesar das garantias. Hitler superou todos os seus adversários, os quais raciocinavam na escala das suas próprias potências e eram incapazes de compreender que a salvação delas estava apenas na salvação do mundo inteiro. Por pura coincidência (a intratabilidade de Hitler), Stálin não cometeu um novo erro: entrar em uma aliança antibritânica em novembro de 1940, quando V. M. Mólotov foi a Berlim para conversações. Um mês depois, a Alemanha começou a preparar a guerra contra a URSS. Stálin concordou em iniciar os preparativos de um ataque preventivo contra a Alemanha somente depois de convencer-se de que o número de divisões alemãs, na fronteira com a União Soviética, crescera de 70 para 110.

Eu creio que a humanidade e a Europa haveriam ganhado se Stálin houvesse decidido começar uma guerra contra Hitler. Mas Stálin não pretendia abrir uma segunda frente contra a Alemanha para salvar a Inglaterra, que, na época, encontrava-se em uma situação desesperadora. Segundo a maioria dos historiadores britânicos, a continuação dos bombardeios aéreos alemães e principalmente da guerra submarina com a mesma intensidade teria tido conseqüências catastróficas. Em 22 de junho de 1941, Hitler errou, ao atacar a URSS e obrigá-la a entrar na guerra. Na Europa, contra a vontade de Stálin, realmente se abriu uma segunda frente, que acabaria salvando a Inglaterra.

Durante toda a guerra, Hitler e Stálin permaneceram escravos de um modo de pensar limitado ao âmbito do continente, e, até o fim dela, não se conscientizaram de que eram participantes de uma guerra mundial. Stálin exigia da Inglaterra e dos EUA a abertura de uma segunda frente na Europa, embora, por volta de 1943, já houvesse quatro delas no continente: a russa, a iugoslava, a italiana e a britânica.

1 *A Segunda Guerra Mundial em Reminiscências*, Moscou, 1990, p. 84.

Pela lógica de Stálin, o presidente dos EUA, T. Roosevelt, deveria insistir na entrada da URSS na guerra do Extremo Oriente, após o ataque do Japão a Pearl Harbour. Stálin, no entanto, não pretendia infringir o tratado nipo-soviético, firmado em abril de 1941.

Em qualquer caso, deve-se falar em uma guerra mundial de coligações. Por isso, a fórmula "oposição de duas potências totalitárias" não explica nada, bem como a fórmula "democracia contra totalitarismo". Havia mais potências em guerra, e o regime totalitário da URSS não anula o seu lugar e o seu papel na coligação antifascista. Em 1939-45, a idéia de humanidade, que as nações aliadas defendiam, opunha-se à idéia de raça, cultivada pelo bloco fascista. A participação da Rússia "totalitária" do lado da humanidade constitui um paradoxo histórico. Mas os críticos do stalinismo devem tentar imaginar a fundo todas as conseqüências da possível formação de um bloco soviético-alemão.

Nós, a humanidade, não tínhamos o direito de perder, porque simplesmente desapareceríamos. Hitler não tinha a menor intenção de libertar a Rússia da "opressão do comunismo stalinista", e o Ocidente do "fardo da democracia". O aniquilamento, eis o que estava reservado a todos nós. As pessoas que, na Rússia, não haviam compreendido isso em 1941 conscientizaram-se disso por volta do outono de 1942. Eu estou disposto a fazer justiça à coragem dos soldados de ambos os lados, a inclinar a cabeça diante dos mortos de todos os exércitos, mas nós não chamamos, ao nosso país, os alemães, húngaros, romenos, italianos e finlandeses que nele morreram. Para nós, a "nova ordem" deles não era melhor do que a antiga, de Stálin.

> "Tudo deve ser afogado em sangue. É necessário matar homens e mulheres, crianças e velhos, e não se deve deixar em pé nenhuma árvore, nenhuma casa. Com o emprego desse meio terrorista [...], a guerra será concluída em menos de dois meses, ao passo que, se eu me ativer aos princípios humanísticos, ela demorará anos" (2). Isso foi dito não por Goebbels ou Hitler antes da invasão da Rússia Soviética, mas pelo kaiser Guilherme II, em 1914, antes da invasão da Bélgica e da França. Era assim que os cabos-de-guerra e os teóricos militares alemães do século XIX ensinavam os seus comandados a guerrear. Era nisso que se constituíam o humanismo alemão e a idéia alemã de travar qualquer guerra.

A guerra da humanidade contra o fascismo foi justa. Ela o foi também para aqueles que se levantaram em defesa da humanidade, independentemente de quem, quando e sob quais circunstâncias. Ademais, a humanidade venceu, porque o seu potencial econômico era muitas vezes superior ao da coligação fascista. Na minha opinião, não tem sentido procurar "a principal frente da Segunda Guerra Mundial", o "arsenal da vitória" e coisas semelhantes, já que faltam critérios para tal. Onde foram mortos mais soldados e foi destruída uma maior quantidade de material bélico? Então, certamente, a Rússia é o túmulo da Wermacht que, na batalha de Stalingrado, perdeu tanto quanto perdera em todos os anos anteriores da guerra. O Japão, porém, perdeu toda a sua frota e toda a sua esquadrilha no Oceano Pacífico, na guerra contra os EUA, ao passo que toda a frota de submarinos alemães foi destruída pelos ingleses e estadunidenses no Atlântico. Se considerarmos a questão sob o aspecto da dimensão dos territórios libertados e do tamanho das populações destes, então, a principal frente da guerra encontrava-se na Ásia. Mas, se partirmos das proporções das catástrofes evitadas, teremos de citar o céu do Canal da Mancha, Moscou, Stalingrado, o Norte da África e os atóis do Pacífico. Não seria melhor reconhecer que os soldatos soviéticos na Europa Oriental e Central, os aliados na Europa Ocidental e Meridional, os chineses, os ingleses e os franceses na Ásia, os guerrilheiros na Europa e na Ásia, os ingleses e os estadunidenses na África do Norte e nas águas do Atlântico, os estadunidenses no Pacífico, todos deram a sua contribuição e foram vencedores? Porque os milhares de aviões alemães abatidos pelos ingleses até 1941, em caso contrário, haveriam varrido Moscou e Leningrado da face da Terra. Porque, do aço usado nos tanques destruídos na Rússia, Hitler não pôde fazer as centenas de submarinos capazes de bloquear a América e sufocar a Inglaterra. E assim por diante.

Claro, há meio século, quando a idéia da unidade da humanidade (unidade na varie-

2 *História da Primeira Guerra Mundial. 1914-1918* (2v.), vol. 1, Moscou, 1975, p. 159.

dade) apenas começava a difundir-se, tais coisas podiam ser compreendidas e aceitas apenas por poucos. Mas parece que agora chegou a hora.

POR QUE A RÚSSIA NÃO PERDEU A GUERRA EM 1941-42?

É assim que se coloca outra pergunta, também merecedora de análise. A coligação fascista cometeu um erro estratégico, ao dispersar as suas forças pelos vários palcos das ações militares, em lugar de concentrá-las contra a Rússia, o inimigo principal, no conceito de Hitler. Não é difícil imaginar em que se tornaria para a União Soviética, em 1941-42, uma guerra contra a Alemanha e os seus aliados no oeste, contra a Turquia no sul (em caso de êxito do plano de Rommel: abrir passagem para o Oriente Médio, provocar uma insurreição árabe contra os ingleses e fazer a Turquia entrar na guerra) e contra o Japão no leste. Mas, além dos erros subjetivos de Hitler e Mussolini, havia contradições reais entre os EUA e a Inglaterra, de um lado, e este ou aquele país da coligação fascista, do outro. Foram precisamente elas que obrigaram o Japão a lutar, antes de mais nada, contra os EUA e a Inglaterra na Ásia e no Oceano Pacífico, e prenderam a Itália ao norte da África e ao Mediterrâneo.

Reduzamos, agora, o nosso campo de análise à frente soviético-alemã e procuremos o conjunto de razões internas que permitiram à Rússia resistir no primeiro ano e meio de guerra. Deveremos falar de uma grande quantidade de fatores simultâneos, de ordem tanto objetiva como subjetiva.

Por volta da metade de outubro de 1941, havendo percorrido cerca de mil quilômetros em cerca de três meses e meio, os alemães viram-se a 20 quilômetros de Moscou. Como mais tarde recordou o marechal Júkov, comandante da defesa da capital soviética, todos os caminhos para Moscou estavam abertos. No nordeste, Leningrado estava completamente bloqueada e, no sudoeste, os tanques alemães aproximavam-se da região do curso inferior do rio Don. Do começo da guerra até então, avançando por uma frente de 1.200-1.600 quilômetros, a Wermacht havia destruído as linhas oeste, sudoeste e noroeste da defesa soviética. A tabela abaixo, em que é indicada a percentagem da quantidade existente em 22 de junho de 1941, mostra as perdas dos dois lados, até o início de outubro daquele mesmo ano (3):

	URSS	Alemanha
Pessoas, em milhões	mais de 2 (70%)	0,5 (15%)
Tanques, em milhares	8,3 (90%)	1,8 (60%)
Aviões, em milhares	8,2 (96%)	1,6 (30%)
Armas, em milhares	43,3 (90%)	ñ há dados

Vale a pena pensar nesses dados para compreender em que se baseava a convicção de Hitler, que declarou: "Eu tento o tempo todo colocar-me na situação do inimigo. Praticamente, ele perdeu a guerra. Foi bom havermos destruído as divisões de tanques e a Força Aérea dos russos logo no início. Eles não conseguirão restabelecê-las" (4). O mais interessante de tudo é que tal também era o pensamento de Stálin, que várias vezes havia proposto a Hitler um acordo de paz, pelo qual a Rússia abriria mão da Lituânia, Estônia, Letônia, Ucrânia e Bielo-Rússia (5). Hitler não aceitou essas propostas, pois tinha esperança de conseguir mais.

No início de 1942, depois que fora possível derrotar os alemães e rechaçá-los para longe de Moscou, Stálin, como comandante supremo, insistiu em que se promovessem ações ofensivas em vários setores da frente soviético-alemã. Não conhecendo estratégia, não compreendendo as particularidades daquela guerra e não desejando, até o outono de 1942, escutar as opiniões dos militares, que pensavam de outra forma, Stálin empurrou o país para mais uma catástrofe. O Exército Vermelho, possuindo uma superioridade numérica sobre a Wermacht, dispersou as suas forças do Mar Báltico ao Negro, foi derrotado em todas as ações isoladas e acabou perdendo a sua supremacia. No verão de 1942, em uma enorme frente de quinhentos quilômetros, de Vorônej a Rostóv, os alemães varreram a defesa soviética e, como em 1941, avançando a uma velocidade de cinqüenta quilômetros por dia, sitiaram Stalingrado e travaram combates no norte do Cáucaso.

Em suma, por outubro de 1942, os alemães já haviam ocupado um território de 1,8 milhão de quilômetros quadrados. Nele, antes da guerra, viviam oitenta milhões de pessoas (mais de 40% da população do país). É bem verdade que as fontes soviéticas oficiais afirmavam que 25 milhões haviam sido evacuados. Nos territórios perdidos, antes da guerra, produziam-se 70% do ferro gusa

3 Baseada em dados de: "A Guerra, o Povo e a Vitória", in Jornal *Izvêstiia*, 8 de maio de 1990; D. Volkodónov, *Triunfo e tragédia. O Retrato Político de Stálin*, livro 2, Moscou, 1990, pp. 201-10; *História da Segunda Guerra Mundial de 1939-1945*, Moscou, 1975, v. 4, p. 88.

4 *História da Segunda Guerra Mundial de 1939-1945*, op. cit., v. 5, p. 43.

5 D. Volkodónov, op. cit., pp. 172-3; G. Guderian, "A Experiência da Guerra Contra a Rússia", in *Balanço da Segunda Guerra Mundial*, Moscou, 1957, p. 131; N. G. Pavlenko, "A História da Guerra Ainda Não Foi Escrita", in Revista *Ogoniok*, nº 25, 1989, pp. 7-8.

e do aço do país, extraíam-se 60% do carvão e estavam 40% das estradas de ferro e metade das áreas semeadas, que forneciam metade da colheita nacional de grãos. Neles, concentrava-se, ainda, metade das cabeças de gado (6). Assim, o país perdeu cerca de metade do seu potencial econômico.

Naturalmente que nem a "genialidade e a firmeza de Stálin", o "papel dirigente e inspirador do Partido Comunista", as repressões sofridas pelos generais derrotados na frente ou os destacamentos da retaguarda, que abriam fogo de barragem contra os nossos próprios soldados, para impedir que recuassem, nada disso salvava a situação nem podia salvá-la. O que foi, então?

Em primeiro lugar, o nosso enorme território. A área da URSS, antes da guerra, era de 22 milhões de quilômetros quadrados. Só para comparação: a China possui 9,6 milhões; o Brasil, 8,5; a Alemanha, junto com a Áustria, 0,6, e a França, 0,5. Além disso, a URSS dispunha de todos os recursos exigidos por uma guerra moderna. Nós tínhamos o que defender e para onde recuar. Paris distava, da frente franco-alemã, mais ou menos a mesma coisa que Minsk da frente soviético-alemã. Em 1941, os alemães conheceram Minsk uma semana depois do início da guerra. Se, em 1940, os franceses tivessem recuado mil quilômetros da sua fronteira com a Alemanha, teriam chegado à Espanha.

Os manuais de campanha da Wermacht previam um avanço de 30-35 quilômetros por dia, e era com base nessa estimativa que as tropas recebiam combustível, munições e tudo o mais. Os ritmos do avanço alemão, tanto em 1941, como em 1942, chegando aos 70 quilômetros, ficaram limitados pela falta de combustível e pelas vastidões sem estradas, que se estendiam à sua frente. Ademais, à medida que a Wermacht avançava para o interior da Rússia, a largura da frente aumentava, esticando as comunicações e rompendo-as. Os ocupantes sentiam uma falta constante de pessoas para o controle das "terras conquistadas no leste". Em conseqüência, na retaguarda alemã, existiam regiões livres tanto do poder antigo como do novo.

Em segundo lugar, o nosso país apresentava condições naturais e climáticas especiais. Aparentemente, a planície devia favorecer as ações militares, e a tomada das margens altas - direitas - dos rios facilitava a sua travessia e o fogo sobre o Exército Vermelho, que recuava. Mas, ainda antes da guerra, o Estado-Maior alemão já considerava que o Exército Vermelho teria um aliado não apenas na vastidão do país, como também na falta de estradas. O general G. Guderian, comandante da divisão de tanques que avançava para Moscou por Minsk, escreveu que os seus homens sofriam com o calor, as moscas e a poeira, a qual entupia os motores, inutilizava os tanques e as metralhadoras. No verão russo, faz muito calor, e as estradas de terra batida transformam-se em faixas poeirentas e intransitáveis. Na primavera e no outono, os caminhos tornam-se obstáculos aquáticos ao transporte. Mas Hitler pretendia acabar com a URSS até o inverno de 1941.

Mais do que isso, ele pretendia fazê-lo até a época dos lodaçais de outono, quando as chuvas torrenciais transformam a Rússia em um pântano só. Por tal razão, foi provida farda de inverno para apenas 20% dos soldados que se planejava deixar na Rússia, para o período de inverno. Um em cada dez soldados alemães era motorista de algum meio de transporte, e um em cada doze ou quinze portava uma metralhadora. Todo esse equipamento alemão, afundando na lama do outono e da primavera, avançava a custo, parando constantemente e funcionando com problemas. Até o combustível para o material rodante tinha de ser trazido por aviões. No inverno, a uma temperatura de 25 graus negativos, a Wermacht congelou-se nas neves da Rússia. Deixaram de funcionar os motores de tanques e caminhões cobertos totalmente de neve, e congelou-se a graxa das armas.

"O frio russo faz bem à minha saúde" - escreveu A. S. Púchkin no século passado. Na Rússia, até hoje há um ditado: "O que é bom para o russo é veneno para o alemão". Gente da terra, os camponeses, que compunham mais de 60% do Exército Vermelho, estavam acostumados tanto ao trabalho pesado quanto ao clima rigoroso. Aquele era o frio deles na terra deles. Os soldados da Wermacht haviam crescido sob o clima ameno da Europa Central, onde a temperatura média de janeiro raramente cai abaixo de zero, e a temperatura média do mês mais quente, julho, não passa de vinte graus. Em 1939-40, os alemães guerrearam em uma Europa cortada por excelentes estradas e, além do mais, apenas no verão. Era com

6 *História da Segunda Guerra Mundial de 1939-1945*, op. cit., v. 4, p. 152; *História do Campesinato Soviético*, v. 3, Moscou, 1987, p. 150.

terror que eles olhavam para as planícies infinitas da Rússia, que ficavam metade do ano cobertas de neve.

E, aqui, chegamos ao terceiro fator objetivo: o demográfico. Depois da guerra, Stálin gostava de reunir militares na sua *datcha*. Certa vez, ele perguntou a S. M. Chtemenko, chefe do Estado-Maior: "Por que batemos a Alemanha fascista e a obrigamos a capitular?" Após pensar um pouco, o general pôs-se a enumerar o que o próprio Stálin apontara no seu famoso discurso de fevereiro de 1946: a vitalidade e a supremacia do regime social e político da URSS, a orientação do Partido Comunista, a amizade dos povos da URSS, a base econômica do socialismo... Stálin escutou-o e disse: "Tudo isso está certo e é importante, mas não esgota a questão". E o comandante supremo explicou o que tinha em mente. Os efetivos do Exército Soviético, por volta do fim da guerra, eram, aproximadamente, 11 milhões de pessoas. Stálin somou a isso a quantidade de soldados mortos e calculou que o número total de mobilizados, combatentes e mortos, na União Soviética, perfazia 12 % da população. (Não se conhecem as perdas do Exército Vermelho, na avaliação de Stálin, e Chtemenko não escreveu nada a respeito. Os historiadores soviéticos mais objetivos acham que elas podem ir de 9 a 13,5 milhões de pessoas.) Stálin realizou os mesmos cálculos em relação à Alemanha: nesta, a parte correspondente era igual a 16% da sua população. Foi precisamente isso que, na opinião de Stálin, exauriu a Alemanha e a levou à catástrofe (7).

A lógica de Stálin é simples: nós perdemos um exército, criamos um segundo e poderíamos criar um terceiro, ao passo que Hitler não teve tal possibilidade. Por mais abjetos que sejam esses cálculos, eles possuem uma base extremamente simples: a URSS, de 200 milhões de habitantes, excedia a Alemanha, de 76,5 milhões de habitantes, em duas vezes e meia. E nem o comando exercido pelo Partido Comunista e pelo governo soviético, nem os erros de Stálin e Hitler, nem o gênio militar dos seus marechais e generais não podiam mudar nada, nesse aspecto. A Wermacht bateu-se a guerra inteira, no leste, contra um inimigo numericamente superior. Até a historiografia soviética oficial dos anos 60 reconheceu que, em 1941-42, o exército alemão, possuindo menos efetivos e meios, cercou os grupamentos principais do nosso e eliminou-os. No entanto, o vitorioso exército alemão do verão de 1941 estava quase completamente destruído por volta da primavera de 1943. E a Alemanha finalmente perdeu o seu exército, que conquistara a Europa em 1939-41. Enquanto isso, a URSS ficava sem o seu exército regular pelo fim de 1941. Cerca de quatro milhões de soldados e oficiais foram feitos prisioneiros dos alemães, e apenas um quarto deles viveu até a primavera do ano seguinte.

O Exército Vermelho, porém, superava a Wermacht não somente em força viva, senão também em equipamento. Quer isso dizer, então, que a economia socialista mostrava a sua supremacia sobre a variante alemã do capitalismo organizado? Para a historiografia soviética, a resposta afirmativa era evidente. Em 1941-42, a URSS produzia, mensalmente, dois mil tanques, dois mil aviões (e até três mil, por volta de 1944) e mais de dez mil canhões. Os números alemães correspondentes eram 1,5 - duas vezes menores, exceto em 1944, quando o volume da produção da indústria germânica se aproximou do da soviética, sem superá-la, contudo (8). Não se deve esquecer que a indústria dos países ocupados pela Alemanha trabalhava para ela, e que a URSS, em conseqüência da invasão alemã, ficara privada das suas regiões econômicas mais desenvolvidas.

Há, no entanto, uma série de fatores que nos fazem duvidar da superioridade da economia soviética. Nos anos do conflito, a Alemanha, elevando a produção de submarinos a um por dia, lançou ao mar 1.150 navios de guerra dos tipos básicos, e a URSS, apenas 70; mais, a indústria bélica alemã conseguiu organizar a produção, em larga escala, de equipamentos inteiramente novos, desenvolvidos em 1941-45: caças a jato (produziram-se 900 unidades), os foguetes V-1 e V-2 (mais de 27 mil unidades), tanques pesados e superpesados, canhões autopropulsionados, submarinos etc. A indústria soviética executava projetos de anos anteriores à guerra. Mas até esse armamento começou a chegar ao Exército, nas quantidades necessárias, apenas a partir da segunda metade de 1943. O armamento soviético era inferior ao alemão, sob muitos aspectos. As exceções eram o lança-minas "Katiucha" e o tanque T-34. Além disso, o

7 S. M. Chetmenko, *O Estado-Maior nos Anos de Guerra*, livro 2, Moscou, 1973, pp. 497-9.

8 *História da Segunda Guerra Mundial de 1939-1945*, Moscou, 1982, v. 12, pp. 168 e 200; A. Iákovlev, *O Objetivo da Vida*, Moscou, 1972, p. 346; G. Koerl, "Economia Política e Indústria Bélica", in *Balanço da Segunda Guerra Mundial*, op. cit., p. 376.

exército alemão era menor do que o soviético e guerreava com mais competência e economia, sofrendo perdas em equipamento incomparavelmente menores do que as nossas. A URSS concentrava os seus recursos na indústria bélica em grau muito maior do que a Alemanha. Esta fundia mais aço e possuía uma quantidade maior de tornos, mas o volume da produção da indústria bélica da URSS era maior. Quem, no entanto, pesou as privações sofridas pelas pessoas na retaguarda soviética? Até hoje não se conhece a quantidade de pessoas que morreram de fome em 1943. Também não se deve esquecer que o Estado assegurava uma ração, na melhor das hipóteses, a um terço dos habitantes do país, quando não apenas a um quarto.

Conseqüentemente, não podemos falar de uma superioridade da economia socialista: por seu maior primitivismo, em comparação com a alemã, ela revelou mais vitalidade, nada mais do que isso. Mas a economia como tal não constitui a parte mais importante do Sistema então existente na URSS. Por mais paradoxal que possa ser, é precisamente sobre todo o Sistema, como fator objetivamente determinante da nossa vitória, que devemos falar.

A GUERRA E O SISTEMA

Nós abstrairemos as particularidades, que Stálin conferiu pessoalmente ao que aqui convencionamos chamar de Sistema. Por isso, na minha análise, ele não é apenas stalinista. Mais do que isso, na minha opinião, de modo geral, ele por ora não pode receber nenhum "adjetivo" cientificamente fundamentado: socialista, capitalista de Estado e assim por diante. Em todo caso, ele é tão socialista ou capitalista de Estado como o Egito dos tempos da terceira dinastia, a sociedade suméria, as civilizações dos incas, dos maias e dos astecas na América pré-colombiana ou o Estado dos jesuítas do Paraguai.

O nosso Sistema é fruto da civilização tradicional, que, ao fim e ao cabo, não foi aniquilada pelas revoluções de 1917-21 e 1929-34, já que elas apenas o fortaleceram. Com o acréscimo substancial trazido pela modernização comunista, em grande parte copiada de fora e transplantada para o solo russo, nos anos 30, pelo setor da produção industrial (até 80% dos equipamentos instalados durante os primeiros planos qüinqüenais eram importados). Como todo sistema tradicional, o soviético estruturava-se na unidade do poder e da propriedade. Essa unidade representava o elemento formador do Sistema. Ademais, não era a propriedade o que propiciava a posse do poder; pelo contrário, a posse do poder é que permitia o acesso à propriedade. Como o objetivo principal, a "lei básica" de semelhante sistema é o aumento do volume de poder, então, na ótica dos objetivos da produção ocidental (modernizada, capitalista), ele é inteiramente ineficiente. A propósito, Stálin salientou, várias vezes, que a empresa socialista pode funcionar sem lucro e pode funcionar sem ser para auferir lucros. Para compreender que Stálin estava certo, basta lembrar a existência, na URSS, de uma agricultura que não gerava receita, e das empresas e ramos da indústria que funcionavam para cumprir planos de produção estabelecidos e só davam prejuízos. O valor principal desse sistema é o poder; o valor do indivíduo é praticamente nulo. Por isso, o Sistema é desumano na sua essência, independentemente da ideologia - se monárquico-ortodoxo até 1917 ou marxista-leninista depois.

O Estado, que personifica o poder, é o único agente do desenvolvimento histórico, o proprietário monopolizador dos meios de produção do país. Até se analisarmos o Sistema apenas das posições leninistas, ele, como qualquer monopólio, produz uma putrefação. Propriamente, foi o que aconteceu. Já antes da guerra, o Sistema entrou em um período de crise, sobre cujas manifestações mais evidentes se falou na XVIII Conferência do Partido, em 1941.

Possuindo um território colossal e imensos recursos humanos e naturais, por volta de 1941, o Sistema parecia haver esgotado as possibilidades de crescimento extensivo. Após haver criado o setor industrial, o Sistema, sendo perdulário, esgotou as riquezas do país. Não produziram efeito, a coação governamental, a conversão da indústria para a semana de trabalho de sete dias, a posse da mão-de-obra estatal em favor das empresas, a administração feudal do governo na aldeia e o trabalho forçado de milhões de prisioneiros. Confirmaram-se as advertências de A. Smith: "O homem, privado da propriedade, só pensará em trabalhar me-

NA OUTRA PÁGINA, TROPAS RUSSAS A CAMINHO DO FRONT

nos e comer mais". Mas, como observou o poeta soviético B. Slútski, nos tempos de Stálin, "era mais fácil vencer do que almoçar" (9).

O caso é que não era à toa que o nosso Sistema, ainda em 1918-21, quando estava em formação, se chamava comunista de guerra. A guerra, na minha opinião, foi o que salvou o Sistema da bancarrota. A guerra e as circunstâncias extraordinárias constituem o meio exterior mais adequado à existência dele. Em primeiro lugar, em tempo de guerra, vale sempre, e em todos os lugares, o princípio "o fim justifica os meios". Em uma das melhores canções soviéticas sobre a guerra, há as seguintes palavras: "Nós agora precisamos de uma vitória, de uma que valha por todas, não regatearemos no preço". De modo que a consciência das massas compreendia isso e aceitava-o totalmente.

Em segundo lugar, em tempo de guerra, tudo se baseia na fórmula: "ordem-cumprimento" (o não-cumprimento acarreta a morte). Era essa a base da economia de mobilização. Por força da sua extraordinária primitividade - economia unissetorial, sociedade homogênea, unipartidarismo, etc. - o Sistema, qual gigantesco ser unicelular, era relativamente fácil de administrar-se por meio de uma planificação estatal centralizada. Realizava-se o sonho de Lênin de uma sociedade, que trabalha segundo um único plano, como um truste, em que toda a população se vê transformada em funcionários a serviço do governo. Até o fim de 1943, a Alemanha ressentiu-se do fracionamento organizacional e da lentidão do atendimento das encomendas militares, havendo começado tarde demais a transição para o gerenciamento centralizado, que acabou não conseguindo abarcar toda a economia.

Precisamente pela sua primitividade e facilidade de administração, o Sistema revelou uma vitalidade extraordinária. Eis alguns exemplos que bem o caracterizam. Contam que, após a guerra, o general D. Einsenhower perguntou ao marechal Júkov por que se ordenava aos soldados do Exército Vermelho avançar por campos minados e obstáculos, quando existia maquinaria própria para isso. O marechal haveria respondido que a maquinaria custava mais caro do que os soldados. Pelo visto, era por isso que Stálin baixara a ordem, segundo a qual os tanquistas não deviam abandonar o tanque, quando estava danificado ou em chamas, mas, sim, salvá-lo. Também na retaguarda, era considerado um ato de heroísmo salvar um monte de pedaços de ferro mal rebitados, chamado "trator" ou "máquina colheitadeira". Inclusive ao preço da própria vida. Sim, não se preocupavam muito com os soldados no Exército Vermelho. Em 1943, quando se tinha pela frente a travessia do rio Dniepr, contam testemunhas que, em algumas pequenas unidades, os soldados foram divididos em dois grupos: os que sabiam nadar e os que não sabiam. Os últimos foram reunidos à parte e fuzilados. Pela sua própria gente. No inverno de 1945, durante a operação no Visla-Oder, duas frentes soviéticas em ofensiva percorreram os 500 quilômetros de Varsóvia a Frankfurt-no-Oder em um mês. Baixas: 600 mil homens. Por cada metro - um, dois soldados. Ademais, também não pouparam os tanques, na emulação socialista, na pressa de romper a defesa inimiga uma antes da outra. Um mês depois, de sete mil tanques, apenas um quarto ainda estava em condições de uso. Nessa guerra, nós recuávamos e avançávamos da mesma forma.

Mas levantemos os olhos da terra pecadora para o céu azul. Por ele voam os "falcões de Stálin"... Após o conflito, uma revista francesa de aviação avaliou da seguinte maneira o "Iak-3", um dos mais rápidos aviões de caça e produzido em larga escala: "Máquina ideal para produção em larga escala, em empresas com mão-de-obra pouco qualificada. A construção é extraordinariamente tosca, e a qualidade da soldagem corresponde à de um ferreiro de aldeia [...] Essa máquina [...] é segura e é construída para as poucas horas que um caça costuma durar em tempo de guerra" (10). Stálin ordenou a elevação da produção de aviões a três mil unidades por mês. E a ordem foi cumprida. Mas, de repente, as asas começaram a descolar-se dos aviões. Exatamente isso: começaram a descolar-se. Por quê? Pelo jeito, haviam sido mal coladas. Nas aeronaves, havia chapas de madeira, ripas, lona. Sob a chuva da primavera, tudo ficou molhado, e a cola não resistiu. Stálin ordenou que resolvessem o problema... E resolveram (11).

O *narkom* (12) da indústria aeronáutica, A.I. Chakhúrin, deu ao livro de memórias dos dois o nome de *As Asas da Liberdade*.

9 Trocadilho com as palavras *pobiedit* ("vencer") e *poobiedat* ("almoçar"), cujos radicais encerram *obied* ("almoço") (N. do T.).

10 A. Iákovlev, op. cit., pp. 363-4.

11 A.I. Chakhúrin, *As Asas da Liberdade*, Moscou, 1983, pp. 140 e 170.

12 Abreviação de *naródni komissar* ("Comissário do Povo"), posto equivalente ao de ministro (N. do T.).

Sim, tais asas mal se sustinham no ar, mas não podia ser diferente. Metade dos trabalhadores das fábricas de aviões eram mulheres, que nunca haviam trabalhado na indústria. E um quarto da força de trabalho era constituído por crianças. Todos trabalhavam doze horas por dia, e estudavam no próprio local de trabalho, junto aos tornos. Se faltava metal, faziam de madeira o tanque de combustível, revestindo-o com borracha (13). "Os esfarrapados são engenhosos para inventar coisas" - diz-se na Rússia (14). Soldavam o corpo do avião, punham-lhe o tanque de madeira, o motor, um canhão, colavam-lhe as asas, punham-lhe dentro um menino de uns dezoito anos. E lá ia ele. Se abatia um alemão, ótimo. Se abatiam a ele, não fazia mal. Máquinas como aquela e meninos como aquele, nós os podíamos encontrar tantos quantos quiséssemos. Já os alemães não conseguiam fazer aquilo: a tecnologia, o pedantismo e o esmero os impediam. E assim perderam a guerra.

A propósito, pouco antes do seu início, em uma reunião, Stálin perguntou por que havia crescido tanto o problema de defeitos nos aviões. O tenente-brigadeiro P. V. Ritchagóv, vice-*narkom* da Defesa e herói da União Soviética, ousou responder-lhe: "O problema continuará grande, já que o Sr. nos obriga a voar em caixões". Por ordem de Stálin, Ritchagóv foi fuzilado no outono de 1941, quando os alemães estavam bem perto de Moscou.

Mas, naquele outono, os alemães estavam não apenas nos arredores de Moscou, senão também em volta da bloqueada Leningrado. Stálin pretendia entregar as duas cidades. E, de qualquer modo, não tinha esperanças de que os leningradenses sobrevivessem ao inverno. Pelos dados oficiais, durante o bloqueio, fora evacuada metade dos 3,4 milhões de habitantes da cidade e da região. Eis a famosa ração de dezembro de 1941 para os que haviam ficado: cada pessoa recebia, por dia, 125 gramas de pão, que continha apenas 50% de farinha, 13,2 gramas de carne, 6,6 gramas de gordura, 20 gramas de cereais e 26 gramas de açúcar. Junte-se a isso um frio de 30 graus negativos, a falta de água, de eletricidade e aquecimento. Hitler e Stálin esperavam... Por volta do verão de 1942, na cidade haviam morrido, no mínimo, 1,2 milhão de pessoas. Elas comiam cadáveres atirados às ruas, gatos e objetos de couro. Deixavam os velhos morrerem à míngua, na ânsia de salvar os jovens. Alimentar dois filhos era impossível e... Stálin esperava. Dez mil leningradenses - comandantes de diversas patentes, os membros das suas famílias e os integrantes do NKVD (15) - não passavam fome, já que ganhavam uma ração especial. Da Terra Grande (assim se chamava o território não ocupado pelos alemães), chegavam-lhes produtos defumados, iguarias, legumes, frutas (pêssegos, inclusive), vinhos e confeitos. Enquanto isso, nos hospitais da cidade, os soldados feridos morriam de fome. Os corpos destes, juntamente com os de milhares de leningradenses, eram queimados em crematórios, deitados em grandes fossos e calcados por pesados rolos compressores. O poder de barriga cheia não ficava de braços cruzados: observava, desmascarava, prendia. Na Terra Grande, por "espalharem rumores sobre fome em Leningrado", condenavam-se pessoas a dez anos de prisão, como se por "propaganda contra-revolucionária". Depois da guerra, Eisenhower visitou o Museu da Defesa de Leningrado. Impressionado com o que viu, mal conseguiu balbuciar: "Se isso acontecesse no meu país, nenhuma cidade agüentaria..." (16).

Entrementes, na URSS, existiam ainda milhões de refugiados e evacuados, que haviam vivido dois anos em choupanas de palha e em abrigos abertos no chão, dezenas de milhões de camponeses, que recebiam uma batata e um copo de cereais pelo seu trabalho diário nos colcozes, milhões de detentos mortos, os quais também haviam trabalhado para a nossa vitória, e vários milhões de pessoas deportadas da sua terra natal por razões étnicas (os alemães do Volga, os tártaros do Cáucaso, os tchetchenos e outros).

Dizem, às vezes, que nós vencemos não graças ao Sistema, mas apesar dele. Não seria mais correto dizer que vencemos desse modo e a esse preço justamente por causa desse Sistema? Depois da guerra, ele ganhou novo alento, levou para mais longe as suas fronteiras, engolindo novos territórios e recebendo tecnologia e reparações dos alemães. As divisões de Stálin estendiam-se de Berlim a Pequim, e parecia que nada poderia abalar esse gigantesco monolito.

Mas a guerra também trabalhava contra o Sistema. No seu alicerce, em que entra-

13 Idem, ibidem, pp. 156-8.

14 Expressão equivalente a "Quem não tem cão caça com gato" (N. do T.).

15 *Narôdni Komissariat Vnútrennikh Diel*: Comissariado do Povo para Assuntos Internos, que, mais tarde, se transformou no KGB.

16 A. Adámovitch, e D. Gránin, *O Livro do Bloqueio*, Leningrado, 1989; B. Gússev, "O Negócio Funerário na Leningrado do Bloqueio", in Jornal *Izvêstiia*, 23 de novembro de 1994; D.S. Likhatchóv, "Reminiscências", in Revista *Nevá*, nº 1, 1991; D.V. Pávlov, *Leningrado durante o Bloqueio*, Leningrado, 1985.

vam o medo e a obediência, abriram-se brechas profundas. Territórios imensos e grandes massas de gente escaparam de sob o controle do Sistema. Milhões de cidadãos soviéticos haviam estado fora do país e puderam ver muitas coisas e compreendê-las. O que podia temer um soldado, que havia conhecido todos os horrores da guerra, que havia aprendido a mostrar iniciativa e assumir responsabilidades? Não foi à toa que as primeiras rebeliões começaram nos anos de guerra e sob a inspiração de combatentes. Mas não apenas as pessoas simples haviam mudado. A guerra apressou o amadurecimento de uma nova geração de dirigentes no centro do poder e na sua periferia e ensinou-os a ser independentes. Essas pessoas compreenderam que, sem elas, nem Stálin nem os velhos dirigentes teriam vencido a guerra. Elas viram que o Sistema funcionava mal, e resolveram melhorá-lo no interesse dele e de si próprias. Por fim, o Sistema, que, antes da guerra, encontrava-se em isolamento, depois dela, devia alinhar-se em um mundo novo.

Sobre isso, porém, falaremos mais adiante. O mito segundo o qual a guerra foi vencida precisamente pelo Sistema nasceu por volta de 1945. Meio século depois, ele serviria e ainda serve de justificativa de toda a história soviética. Entretanto, após enumerarmos os fatores objetivos principais da vitória, atribuirmos um lugar ao Sistema entre eles e dizermos que a vitória foi conseguida graças também a ele, devemos levar em consideração que as guerras são travadas por pessoas - um "fator subjetivo".

O HOMEM E A GUERRA

O marechal-de-campo H. Moltke, afirmou, há cem anos, que na guerra se manifestam as virtudes mais elevadas do homem, as quais, de outra forma, permanecem adormecidas e desaparecem. A Rússia passou por duas guerras mundiais, uma civil e uma porção de outras, localizadas, e até hoje a nossa arte professa o princípio do estrategista alemão. Mas, na minha opinião, isso não tem nada a ver com a guerra de verdade. Considero que a principal razão subjetiva da nossa vitória (e da nossa não-derrota em 1941-42) foi a vontade, a abnegação, o espírito de sacrifício geral, o heroísmo do povo e, antes de tudo, do soldado raso ao comandante de regimento que não foi cabo-de-guerra. No entanto, nem todos os que participaram na guerra foram os seus vencedores. Na guerra, como na vida habitual, há vários tipos de pessoa: covardes e bravos, honestos e mentirosos, fiéis à sua palavra e traidores, ladrões e desinteressados, mandriões e esforçados. Evidentemente, o triunfo pertenceu não aos poltrões, aos traidores e quejandos, a quem só a cova poderia emendar, mas a bem outras pessoas, as quais recordam a guerra como os melhores anos da sua vida porque defenderam a pátria, venceram os fascistas e conseguiram manter-se firmes nas situações mais desesperadoras. Elas não se tornaram melhores e mais puras. O caso é que elas venceram tais como eram. É muito grande a minha vontade de separar o soldado do Sistema, mas isso é impossível, pois a maioria dos cidadãos soviéticos nasceu, cresceu e se formou após 1917. E, porque viviam e trabalhavam mal, eles guerrearam igualmente mal. Não podia ser diferente, pois eram filhos do Sistema. E este possuía fortíssima inércia civilizatória, que se manifestou no fato de dominarem o inimigo não pela competência, mas pela superioridade numérica.

Eis um exemplo do passado militar de meu pai. No verão de 1941, pela sua aldeia passava uma coluna militar, que recuava. O pelotão de batedores recrutou-o, como pessoa conhecedora da região. Ele foi ferido já no primeiro combate e, somente depois de isso haver acontecido, é que o incorporaram oficialmente ao Exército Vermelho. O jovem combatente foi enviado a um hospital e, um mês após, a uma escola militar para um curso de oficiais, já que ele possuía o curso secundário quase completo, coisa rara na época. Mas não chegou a estudar. Como pessoa "com experiência de combate", meu pai foi logo matriculado no batalhão de formandos, que estava a concluir o curso, de um ano de duração. Três dias depois, o batalhão foi despertado de noite, ao sinal de alarme; alguém leu uma ordem em que se lhes conferia o posto de tenente, e eles foram enviados para a frente. No Estado-Maior da divisão, o comandante olhou para o grupo de jovens oficiais e disse, apontando a meu pai: "Vai este aqui". E, assim, um rapaz de dezoito anos se tornou comandante de uma companhia especial de soldados armados de fuzis-metralhadoras. Havia

O HORROR E AS PRIVAÇÕES CHEGAM AO POVO SOVIÉTICO DURANTE A GUERRA

uma companhia dessas por cada regimento e compunha-se de cem soldados e seis oficiais. O que sabia meu pai da guerra, do inimigo, da ciência militar? Nada. Ele logo compreendeu que o comandante do regimento revelava ser tão "profissional" quanto ele quando traçava tarefas de combate para a companhia em um mapa que não era o do sítio das operações. Stálin lançou milhões de soldados e oficiais despreparados como esses à frente sob os tanques alemães.

O soldado tinha muita sorte quando não morria já no primeiro ou segundo combate. E, se a sorte não o abandonava em mais uma ou duas ocasiões, e um obus, um estilhaço ou uma bala perdida não o matava, aí sim, depois de uns três meses de combates, ele aprendia alguma coisa. Começava a transformar-se em um matador profissional. O escritor soviético Konstantin Símonov acertou ao dizer que ninguém nasce soldado. A experiência vem com rapidez, mas custa caro. Os cabos-de-guerra aprendiam junto com os seus soldados e pagavam com as vidas destes pelos conhecimentos adquiridos. Stálin supunha que era possível "nomear um cabo-de-guerra"; por isso, na cúpula do Exército Vermelho, conseguiam manter-se aqueles que, sacrificando soldados, sabiam atingir a qualquer preço o objetivo traçado pelo comandante supremo. Stálin exonerava os que, sacrificando vidas, não alcançavam esses objetivos. Acredita-se que, em 1937-42 (e, antes disso, em 1930-34), foi executado, a mando dele, um número de generais maior do que o dos que morreram durante toda a guerra.

Eu não ousaria dizer que meu pai guerreou mal, ele que, como milhões de outros combatentes, primeiro recuou até Moscou e Stalingrado e, depois, foi até Koenisberg, vencendo e conseguindo sobreviver. Quando ele, armado de fuzil-metralhadora e seguido dos seus comandados, avançou sobre uma trincheira inimiga e eliminou ali uma companhia de hitlerianos (pelo que recebeu mais uma condecoração), ele sabia fazê-lo, mas já estávamos em 1944. E, na véspera, ele tivera muita sorte: fora ferido pela quinta vez. Sob o seu comando, 250 combatentes haviam tomado aos alemães uma importante elevação, quase sem sofrerem baixas.

Estavam todos eles a descansar, quando, à luz do dia, foram alvo do ataque de nove aviões de assalto soviéticos. Exatamente: soviéticos! Em poucos minutos, as bombas transformaram a colina em uma massa imunda e disforme, com a qual se misturava o que até alguns instantes antes haviam sido pessoas. Sobreviveram 42, e, entre elas, meu pai.

No geral, porém, nós guerreamos mal, apesar de tudo. E não só as nossas terríveis perdas atestam isso. Eis mais alguns fatos interessantes. Na guerra, 104 ases da Luftwaff derrubaram, cada um, 100 ou mais aviões soviéticos, e E. Hartmann, 347 soviéticos e 5 ingleses. No início da guerra contra a URSS, eram condecorados com a Grã-Cruz, na Alemanha, os pilotos que houvessem abatido 25 aeronaves. Por volta de novembro de 1941, a marca foi elevada para 40, e, em novembro de 1942, chegou a 100. E no nosso país, como era? I. N. Kojedúb e A. I. Pokríchkin, três vezes heróis da União Soviética, derrubaram 62 e 59 aviões alemães, respectivamente. É bem verdade, também, que o aviador soviético A. K. Gorovêts abateu 9 aeronaves do inimigo em um único combate - um recorde absoluto da guerra. Mas o herói morreu. E um último dado: os nossos aviadores iam para combate após 8 horas de vôo de instrução. Até o outono de 1942, o aprendizado dos alemães previa 450 horas de vôo, e, após Stalingrado, 150 (17).

Nós lutamos na guerra não apenas sem competência, senão também com crueldade. Esta, alimentada pelo Sistema, estava no sangue dos cidadãos soviéticos. Ela era a resposta à invasão alemã. Mas, apesar de tudo, nenhum país considerava traidores os que eram feitos prisioneiros pelo inimigo. Stálin ordenou que o fizéssemos. Em todas as épocas e em todos os lugares do mundo, covarde era considerado não quem, na guerra, sentia medo, mas quem não conseguia dominá-lo. Pelo decreto nº 227, Stálin declarou não apenas covarde, senão também traidor, qualquer um que recuasse, e exigiu que se fuzilassem até aqueles que conseguissem furar um cerco do inimigo. Às costas das nossas tropas, ficavam pelotões com metralhadoras, que barravam com fogo qualquer tentativa sua de recuo. Havia, ainda, batalhões disciplinares, que, nas manobras mais perigosas, eram mandados na frente dos outros e obrigados a romper a defesa alemã, sem tanques e sem ajuda da artilharia.

Os soldados, porém, lutavam não por medo, mas por ódio aos nazistas. Para o nosso povo, essa guerra foi realmente patriótica. Durante os combates, tudo era decidido por um combatente concreto, por um oficial subalterno. E - que paradoxo! - eles se sentiam livres. Era de liberdade a estreita faixa de terra entre a linha de frente alemã e os batalhões soviéticos de intimidação da retaguarda. E precisamente esse soldado livre é que foi libertar a Europa. Em Yalta, quando tentou obter Koenisberg dos aliados, Stálin agiu como um imperialista. E Churchill revelou-se igual a ele, quando ordenou a ocupação da Grécia, que havia sido libertada pelos guerrilheiros. Para a Alemanha, toda a guerra fora de natureza imperialista. "Esta é uma guerra por cereais e pão, por desjejuns e almoços fartos [...], uma guerra para a conquista das condições materiais para a solução dos problemas materiais", declarou Goebbels em 1942, esclarecendo os objetivos do seu país. O soldado soviético, por sua vez, sabia que lutava "por uma causa justa, a libertação da Europa da besta nazista". Aparentemente, Stálin, apesar de todo o seu cinismo, também revelou compreensão disso, quando declarou, em 9 de maio de 1945, que a Guerra Patriótica terminara. O conflito com o Japão passou a ter objetivos imperialistas.

Churchill achava que o stalinismo levaria a barbárie à Europa e quis salvá-la da liberdade stalinista, adiando o desembarque dos aliados na Normandia e, com isso, sacrificando a mesma coisa que Stálin sacrificara: vidas de soldados soviéticos, que mataram os fascistas de todos os países da Europa e que eram recebidos como libertadores tanto nela como na Ásia. Desse paradoxo provém a tragédia de meio século do mundo do pós-guerra. Os políticos revelaram-se incapazes de compreender as novas realidades de 1945 e de aceitá-las. Ninguém roubou a Vitória à Humanidade e tampouco podia tirá-la dos soviéticos. Nós simplesmente não compreendemos, então, o que devíamos fazer dali para a frente, e resolvemos continuar a viver como antes.

No entanto, ninguém perdeu o principal: o afastamento da ameaça do fascismo pelo menos até o fim do século XX. Quer dizer, ainda há esperanças quanto ao futuro. Como, então, na primavera de 1945.

17 Jornal *Argumentos e Atos*, nº33, 1990.